

O PURGATÓRIO

A palavra «purgatório» não se encontra explicitamente na Sagrada Escritura, como também não se encontram nela as palavras «sacramento da confissão», «Eucaristia» e «Crisma». Mas, a razão supõe e exige a existência do Purgatório, isto é, de um estado intermédio de purificação depois da morte, para as almas santas que não merecem a condenação do inferno.

A Bíblia descreve situações, estados ou lugares que se identificam com a ideia de purgatório. Por exemplo, o texto do Evangelho de São Mateus (5, 24-26) paralelo com o Evangelho de Lucas (Lc 12, 58-59) parece deslumbrar a existência do purgatório:

«Reconcilia-te com o teu adversário, enquanto vão os dois a caminho do tribunal. Que não aconteça que o teu adversário te entregue ao juiz, o juiz te entregue ao oficial da justiça e este te meta na prisão. Em verdade, te digo, não sairás de lá enquanto não pagares o último centavo» (Mt 5,24-26).

«Reconcilia-te com o teu adversário pelo caminho» significa, durante a vida terrena, enquanto ambos, um e outro, estão a caminho do tribunal (para o juízo), para que não aconteça que o juiz te coloque na prisão, isto é, no Purgatório. Não sairás de lá enquanto não pagar toda a dívida à justiça divina.

O que a Bíblia ensina.

A Bíblia descreve situações, estados ou lugares que se identificam com a ideia de purgatório.

No 2º Livro dos Macabeus lemos:

«Judas, tendo feito uma coleta, mandou duas mil dracmas e prata a Jerusalém, para se oferecer um sacrifício pelo pecado. Obra bela e santa, inspirada pela crença na ressurreição... Santo e salutar pensamento de orar pelos mortos. Eis porque ele ofereceu um sacrifício expiatório pelos defuntos, para que fossem livres de seus pecados». Ora, ser livre de seus pecados, depois da morte, pelo sacrifício expiatório, indica claramente a existência do purgatório».
(2Mac 12,43-46)

Outra alusão à existência do purgatório encontramos na primeira Carta aos Coríntios 3,12-15:

«[...] Aquele, cuja obra (de ouro, prata, pedras preciosas) sobre o alicerce resistir, esse receberá a sua paga, aquele, pelo contrário, cuja obra, (de madeira, feno ou palha), for queimada, esse há de sofrer o prejuízo; ele próprio, porém, poderá salvar-se, mas como que através do fogo.» A Tradição Apostólica entendia o fogo do purgatório.

Podemos ver uma confirmação da existência do purgatório nas palavras de Jesus:

«Põe-te depressa de acordo com o teu adversário, enquanto estás ainda em caminho (da vida) com ele; a fim de que teu adversário não te entregue ao juiz, e o juiz ao guarda, e sejas metido na prisão. Em verdade te digo: Não sairás de lá, enquanto não pagares até o último centavo». (Mt 5, 25-25)

É claro que Jesus fala do justo juízo divino, depois da morte, mas, sair dessa prisão depois da morte, depois de ter

pago o último centavo (seja pelo sofrimento, seja pelas orações e expiações dos vivos) só pode acontecer no purgatório. Esta foi a interpretação é unânime desde os primeiros Padres da Igreja até aos nossos dias.

A Tradição secular da Igreja

A Igreja ensina que *«os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas que não estão completamente purificadas, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do Céu»*. (CIC 1030) Esta purificação final dos eleitos chama-se «Purgatório».

A Igreja formulou a doutrina da fé do Purgatório no Concílio de Florença (DS 1304) e no Concílio de Trento (DS 1820).

O Catecismo da Igreja Católica, citando São Gregório Magno, continua dizendo: *«Pelo que diz respeito a certas faltas leves, deve crer-se que existe, antes do julgamento, um fogo purificador, conforme afirma Aquele que é a verdade, quando diz que, se alguém proferir uma blasfémia contra o Espírito Santo, isso não lhe será perdoado nem neste século nem no século futuro (Mt 12, 32). Desta afirmação podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas neste mundo e outras no mundo que há-de vir»*. (CIC 1031)

O hábito de orar pelas almas dos mortos, do Povo de Israel e da Igreja, testemunha a existência do Purgatório Além disso, a Igreja, baseada na Sagrada Escritura, acredita na «comunhão dos santos», não só ora pelos mortos, mas recorre à intercessão dos santos e dos anjos. Existe uma solidariedade espiritual entre os vivos e os mortos.

Nos túmulos dos mártires e das catacumbas onde estão sepultados os corpos dos primeiros cristãos se encontram inscrições que confirmam a fé dos primeiros cristãos sobre a existência do purgatório. Por exemplo, nas catacumbas de S. Calisto, às portas de Roma, encontramos muitas inscrições de cristãos defuntos a pedir orações:

«Nas vossas orações pensai em nós que vos precedemos»; e a resposta dos fiéis: «Que a luz eterna brilhe sobre ti em Cristo».

Os Padres da Igreja do Oriente e do Ocidente falam do costume de orar pelos defuntos. Tertuliano (+ 160, +240) fala duas vezes do costume que já existia de celebrar um Missa de aniversário pelos defuntos:

«Nós oferecemos todos os anos, em dia determinado, o sacrifício pelos mortos como pelo dia do seu nascimento» e «A viúva crente reza pela alma do seu esposo, reza por ele que está no repouso esperando, para que tenha parte na primeira ressurreição, e oferece por ele as suas orações no aniversário da sua morte».

Santo Ambrósio de Milão pronunciou uma oração fúnebre pelo imperador Teodósio, na qual diz:

«Dá ao Teu servo Teodósio o repouso perfeito, esse repouso que Tu preparaste para os santos... Eu amei-o; por isso quero segui-lo na terra dos vivos. Não o

abandonarei até que o chame na santa Montanha de Deus».

Um dos relatos mais tocantes sobre o Purgatório é, com certeza, o de Santo Agostinho, no princípio do séc V. Ele conta que sua mãe, chegada a hora da morte, lhe fez este último pedido:

«Sepulta o meu corpo em qualquer lugar, não importa onde; não te preocupes com ele. Mas peço-te somente que, onde quer que estejas, te lembres de mim no altar do Senhor».

Este pedido inspirou ao filho esta ardente prece:

«Por isso Te imploro, ó Deus do meu coração, pelos pecados da minha mãe. Que ela repouse em paz com o seu marido... E inspira, Senhor, aos teus servos meus irmãos, que eu sirvo pela palavra, pelo coração e pela escrita, a todos os que lerem estas linhas, que lembrem no Teu altar, a Tua serva Mónica».

Portanto, o hábito de oferecer, Santas Missas, orações e sacrifícios pela alma dos defuntos estava bem enraizado no antigo judaísmo e continuou vivo, sem interrupção, na Igreja primitiva e continua ainda hoje. Este fato testemunha a crença na existência do purgatório.

Um livro de orações, muito usado pelos judeus da América, contem a seguinte fórmula de oração para as cerimónias fúnebres:

«Irmão desaparecido, possas tu encontrar as portas do céu abertas e ver a cidade da paz e o lugar de delícias da segurança; que os anjos venham apressadamente ao teu encontro para te servir; que o Sumo Sacerdote se

apreste a acolher-te. Vai até ao fim; repousa em paz e ressuscita para a vida. Que a estadia no lugar de delícias do céu seja o quinhão, a morada e o lugar de repouso da alma do nosso irmão defunto; que o Espírito do Senhor o conduza ao paraíso, a este irmão que saiu deste mundo por vontade de Deus, Senhor do céu e da terra. Que o grande Rei dos Reis, na Sua misericórdia infinita, o esconda à sombra das suas asas. Que o desperte no fim dos seus dias e o sacie na torrente das Suas delícias».

Entre testemunhas cristãs dos primeiros séculos, escreve Tertuliano:

«A esposa roga pela alma de seu esposo e pede para ele refrigério, e que volte a reunir-se com ele na ressurreição; oferece sufrágios todos os dias aniversários de sua morte» (De Monogamia, 10).

O Catecismo da Igreja Católica esclarece sobre o purgatório:

§1030 «Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida a sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrarem na alegria do Céu.»

S. Gregório Magno (540-604), Papa e doutor da Igreja:

«No que concerne a certas faltas leves, deve-se crer que existe antes do juízo um fogo purificador, segundo o que afirma Aquele que é a Verdade, dizendo que se alguém tiver cometido uma blasfêmia contra o Espírito Santo, não lhe será perdoada nem no presente século nem no

século futuro (Mt 12,31). Desta afirmação podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas no século presente, ao passo que outras, no século futuro». (Dial. 41,3).

§1031 A Igreja denomina Purgatório esta purificação final dos eleitos, que é completamente distinta do castigo dos condenados. A igreja formulou a doutrina da fé relativa ao Purgatório sobretudo no Concílio de Florença (DS 1304) e de Trento (DS 1820;1580). Fazendo referência a certos textos da Escritura (1Cor 3, 15; 1Pe1,7; Mt 12,31; Mt 5,26), a tradição da Igreja fala de um fogo purificador: o que concerne a certas faltas leves, deve-se crer que existe antes do juízo um fogo purificador.

§1032 Este ensinamento apoia-se também na prática da oração pelos defuntos, da qual já a Sagrada Escritura fala:

«Eis porque ele [Judas Macabeu] mandou oferecer esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido, a fim de que fossem absolvidos de seu pecado» (2 Mac 12, 46).

Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos e ofereceu sufrágios em seu favor, em especial o sacrifício eucarístico (DS 856), a fim de que, purificados, eles possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também as esmolas, as indulgências e as obras de penitência em favor dos defuntos.